

Literatura indígena: uma abordagem discursiva

Micheline Tacia de Brito Padovani¹

Tatiana Conceição Gonçalves²

Resumo

Partindo de uma abordagem textual-interativa e das concepções de literatura abordadas por Antônio Candido, objetivamos analisar e discutir o diálogo entre as imagens míticas amazonenses e sua reelaboração pelas vozes do narrador na obra *Çaiçu Índé: o primeiro grande amor do mundo*, de Roní Wasiry Guará. Para atendermos nosso objetivo, nos basearemos, em estudos de Benchimol (2011); Candido (2011, 2013); Krüger (2011); Loureiro (2001, 2015), Maingueneau (2005, 2006, 2012, 2013, 2015, 2020); nos quais verifica-se que a cultura literária é entendida como um conjunto de dados factuais, identificáveis e quantificáveis, visando a valorização social e a identidade do indivíduo. Como procedimentos metodológicos temos: a) contextualização da obra em destaque, a fim de situar o espaço em que ocorre a imagem do enunciador no discurso, b) a análise de diversos exemplos extraídos da literatura indígena, sobre os quais lançaremos um olhar em relação à formação de identidade e as particularidades dos personagens, presentes na obra selecionada, c) conclusão.

Palavras-chave: literatura indígena; mito amazônico; discurso; tradição oral.

Introdução

A literatura indígena brasileira constitui-se como um dos fenômenos político-cultural, pois apresenta diversas temáticas e se insere numa dinâmica ampla de ativismo, de militância e de engajamento das minorias que foram historicamente marginalizadas e ignoradas pela sociedade. Nessa linha de pensamento, destacamos em consonância com Antonio Candido que a literatura tem “a capacidade (...) de confirmar a humanidade do homem”, nela é possível assumir o protagonismo público, político e cultural como elementos essenciais na reafirmação como grupo-comunidade.

Dessa forma, a literatura indígena, tradicionalmente, vinculada na modalidade oral da língua, vem ganhando espaço na escrita por meio de novos escritores de diversas etnias que, tematizando histórias, mitos e vivências de seus povos, enriquecem a produção literária e o nosso patrimônio cultural com narrativas que nos ajudam a ver e sentir a vida e os costumes de forma diferente. Diante do exposto, buscamos

¹ Doutoranda em Língua Portuguesa pelo Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Bolsista Capes. E-mail: mtbpadovani@gmail.com

² Doutoranda em Língua Portuguesa pelo Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Bolsista Capes/CNPQ. Professora do Instituto Federal do Amapá. E-mail: tatiana.goncalves@ifap.edu.br

demonstrar que a imagem do narrador na sociedade rural amazonense, só pode ser compreendida em contexto social, o valor contador de histórias que, sob os olhos da sociedade que ouve e observa a contação de histórias mítica e cheia de magia, representa que o conhecimento dos antepassados está sendo compartilhado, que alguém é conhecedor dos costumes e da palavra e, que ao fazer a transposição para a escrita procura-se respeitar esses elementos míticos com a palavra e com as imagens que ilustram a obra.

Desse modo, veremos a representação e o conhecimento histórico social realizada por meio do imagético, contribuindo para manutenção da interlocução passado e presente. Assim, a pesquisa demanda esforço e reflexão do pesquisador acerca da situação do contexto social, com ênfase no imagético literário amazonense. Para tanto, parte-se do estudo dos subsídios históricos cultural amazônico presentes na obra, buscando: 1) identificar e relacionar a imagem expressa pelo narrador nas esferas sociais; 2) assinalar aspectos que dizem respeito a cultura local e que apontam para a apropriação de identidade amazônica; 3) verificar como se dá a relação texto escrito e imagem ilustrada para a construção do discurso literário.

Dito isso, justificamos que a escolha do corpus de interesse se dá porque a obra permite ao analista do discurso observar os efeitos de sentidos materializados e intrincados no discurso literário, além de nos revelar que a união entre discurso e literatura mostra-se cada vez mais promissora, já que a Análise do Discurso nos fornece ferramentas teóricas eficientes para identificar e analisar todos os discursos presentes na obra.

É válido dizer que a AD se constitui em um importante mecanismo teórico para a compreensão dos enunciados, possibilitando entendermos como a representação e a apropriação do sujeito contribuem para o processo de legitimação do discurso histórico social, evidenciando a construção da imagem do enunciador no discurso literário. É importante dizer, ainda, que a literatura tem em si a representação escrita da sociedade, sendo um instrumento de manifestação social. Ela atua como a voz do povo que representa, levando a outras questões como: os anseios e, os relatos de guerra e, de esperança e a diversidade cultural, social, econômica e política.

Os documentos oficiais e o ensino da literatura

Para início de conversa, é válido destacar que a literatura possibilita a liberdade estética, momento de ascensão superior de compreensão e de consciência da prática leitora enquanto atividade social. Tal atividade promove uma mudança em relação a concepção de mundo, fato, negado em algumas atividades de leitura literária na escola. Dito dessa forma, presume-se que a formação humana depende de estímulos externos e variados, entre os quais, a literatura efetiva-se como agente de grande importante na humanização do sujeito. Nesse sentido, “tornar-se-á um ser humano por meio de um processo educativo que é essencialmente social e cultural: a transmissão da riqueza material e espiritual necessária ao desenvolvimento da individualidade”. (DUARTE, 2013, p. 64).

Em concordância com o autor, acreditamos que a literatura contribui para o processo de formação do sujeito. O ensino de literatura, portanto, deve viabilizar a transformação do sujeito, levando a relacionar-se de forma ativa e consciente com os outros e com o mundo. Nessa esteira, podemos dizer que a produção literária constitui-se em base comunicacional, possuindo função social, acompanhando as transformações pelas quais vão passando as sociedades, de modo a desvendar os segredos guardados na memória do povo, resgatando, expressões, significados e relatos que se formam no coletivo e que, indagam questões culturais e identitárias. A literatura tem em si a representação escrita da sociedade, sendo um instrumento de manifestação social. Ela atua como a voz do povo que representa, levando a outras questões como: os anseios e, os relatos de guerra e, de esperança e a diversidade cultural, social, econômica e política.

Os documentos oficiais pressupõe que o ensino de língua materna, aborde os textos literários. É importante destacar que na escola o aluno tem a oportunidade de conhecer textos literários de diversas regiões do país, de outros países e de outras épocas. O professor como mediador da leitura, propor, ao comentar, discutir preconiza a importância e o valor da literatura para a formação humana. O processo educacional no Brasil, está apoiado na Lei de Diretrizes e Bases, firmando que a educação básica engloba os processos formativos, os quais se dão em vários âmbitos da convivência humana.

Com isso, os documentos orientadores e normatizadores – Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e as orientações Curriculares Nacionais (OCN), apresentam a literatura como uma disciplina para o Ensino Médio, na Área de Linguagens. É válido dizer os PCN não impõe os conteúdos a serem desenvolvidos nas escolas brasileiras. Os PCN se constitui em propostas que visam o ensino aprendizagem nas quais as Secretarias e as Unidades Escolares deveriam se basear para elaborar seus planos de ensino. Além disso, os PCN aborda que a língua está em constante evolução, sendo um sistema de signos linguísticos históricos e sociais que permitem ao sujeito atuante significar o mundo e a realidade.

Isto posto, sublinhamos que as competências propostas pelos PCN de Língua Portuguesa são contempladas e desenvolvidas a partir das Diretrizes Curriculares Nacionais, as Leis de Diretrizes e Bases e o Plano Nacional da Educação que instaurou a implantação de Base Nacional Comum Curricular (BNCC), as competências são retomadas e reformuladas a fim de melhor atender o sistema educacional brasileiro. Sendo assim, a BNCC visa apresentar e indicar competências e conhecimentos a serem desenvolvidos em âmbito nacional. Dentre as competências apresentadas pela BNCC para o Ensino Médio, destacamos duas, nas quais o trabalho em sala de aula com a literatura é evidenciado.

- (EM13LP51) Analisar obras significativas da literatura brasileira e da literatura de outros países e povos, em especial a portuguesa, a indígena, a africana e a latino-americana, com base em ferramentas da crítica literária (estrutura da composição, estilo, aspectos discursivos), considerando o contexto de produção (visões de mundo, diálogos com outros textos, inserções em movimentos estéticos e culturais etc.) e o modo como elas dialogam com o presente. (BNCC, p.516)
- (EM13LP52) Produzir apresentações e comentários apreciativos e críticos sobre livros, filmes, discos, canções, espetáculos de teatro e dança, exposição etc. (resenha, vlogs e podcasts literários e artísticos, playlists comentadas, fanzines, e-zines etc.). (Ibidem)

Diante do exposto, é possível perceber que as competências do Ensino Médio contemplam e ampliam atividades referentes ao ensino de literatura. Desse modo, evidenciam um olhar reflexivo sobre o texto literário, já que este, passa a ser utilizado como instrumento de manifestação cultural e social, pelo qual o sujeito atuante constrói suas referências de mundo e se coloca agente empreendedor e transformador da realidade, por intermédio da linguagem.

A BNCC apresenta o texto como unidade de trabalho, convertendo-o o foco das práticas de ensino com base em perspectivas enunciativo-discursivas, relacionando-o com o contexto de produção. Nesse contexto, as aulas de Literatura autorizam a abertura aos textos de Literatura Indígena, visando a participação ativa do aluno em todos os processos de apropriação e representação com a utilização de diferentes tipos de linguagem adequadas a cada situação comunicativa. Dessa maneira, a BNCC está comprometida com a educação integral do sujeito, designando a formação e o desenvolvimento global do ser humano que deve ser compreendido em sua totalidade e complexidade.

Literatura indígena: o mito amazônico e a representação das imagens místicas

A literatura é uma arte “transcultural” (Jouve, 2012), em consonância com o autor preferimos que a literatura como área do saber/conhecimento tem abrangência que invade e interpreta os diferentes campos: sociais, culturais, econômicos e políticos. Essas manifestações humanas expressam, tocam e criam sentidos que alimentam a mente humana, trazendo ao homem o conhecimento do mundo. As mais instigantes formas de se acessar o mundo é possível com a literatura.

Nessa esteira de pensamento, a literatura indígena narra uma forma de pensar o mundo, entre os objetivos, estão o impulso de contar a alguém o que acontece em sociedade. Assim, seja a volta de uma viagem, uma festa, uma colheita, uma decisão importante a ser enfrentada. Esse fato de narrar histórias e acontecimentos é uma experiência que de forma mítica empresta novos significados à vida em sociedade. Essa tradição remonta às origens mais remotas da humanidade, quando as pessoas se reuniam em volta das fogueiras ou em cavernas para ouvir àquele que lhes narrava um mito ou uma saga heroica de caçador.

Com isso, todo e qualquer conhecimento pode nascer ou ser adquirido com a palavra literária, a literatura põe em cena as reflexões do papel humano no decorrer da história, com a memória afetiva do lugar de origem, resgata lembranças da infância, da juventude e da velhice do povo. É no contato social com a família que se inicia a apropriação e a aprendizagem de leitura do mundo, “a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e

não há homem que possa viver sem ela” (CANDIDO, 2013, 176). Assim, as narrativas contadas em contexto familiar e na escola são alimentos fundamentais para o início das experiências com o mundo e com o imaginário coletivo ou individual.

Antônio Cândido discorre que a literatura tem “a capacidade (...) de confirmar a humanidade do homem”, nela é possível assumir o protagonismo público, político e cultural como elementos essenciais na reafirmação como grupo-comunidade. Para o autor “ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente” (2013, p. 177).

Dito isso, destacamos o discurso de Antonio Candido, no qual afirma que a literatura é um produto social, sendo o trabalho coletivo de um povo, cujas as manifestações, assinalam que passado e presente conversam para produzir o novo.

[...] a literatura, [...], é coletiva, na medida em que requer uma certa comunhão de meios expressivos (a palavra, a imagem), e mobiliza afinidades profundas que congregam os homens de um lugar e de um momento, para chegar a uma ‘comunicação’ (CANDIDO, 2011, p. 147).

A partir dessa perspectiva, o autor ainda menciona, como vemos abaixo, que a literatura, de maneira mais ampla, consiste nas mais diversas manifestações textuais: criações poéticas, ficcionais e, dramáticas, lendas, folclore, chiste, etc., ou seja, variadas formas de produção escrita das civilizações, em todos os níveis de sociais e culturais. Dessa maneira, podemos enfatizar que a literatura se caracteriza como a expressão da humanidade em determinado tempo e espaço. Todos os povos convivem com a literatura, por meio de suas diversas formas de se realizar. Todos, em algum momento, entram em contato com o estético literário e seu universo fabulado.

[...] Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. (CANDIDO, 1995).

A produção literária articula o discurso literário, de modo a empregar a palavra para representar as manifestações humanas. Diante disso, a construção discursiva de sentido não se realiza apenas em situação de língua/mundo, sendo que ela engloba também a intersubjetividade dos sujeitos interlocutores em espaço de interação verbal e em contexto situacional. Compreende-se, assim, que a esfera literária faz parte da sociedade, pertencendo a humanidade. A enunciação literária tem o papel de desfazer a

representação passiva de lugar, de “um dentro” e de “um fora”, pois não se fecha em si mesma, extrapolando o ficcional e o estético e, confundindo-se com a sociedade comum. Nessa linha, podemos dizer que a literatura, como discurso, “pode ser comparada a uma rede de lugares na sociedade, mas não pode encerrar-se verdadeiramente em nenhum território” (MAINGUENEAU, 2006, p.92).

A área rural na região denominada amazônica, no Brasil, é a que mais representa a identidade do povo amazônico, pois tem uma forte ligação com as raízes tradicionais dos ancestrais o que, auxilia para a manutenção cultural do território por meio linguagem oral, pela qual os habitantes mais antigos passam de geração em geração os costumes, as crenças, os mitos e a cultura local. Diante de tais características, é mais propício um ambiente mitológico pela forte relação com a natureza (animismo); neste, a sociedade está mais ligada às crenças culturais por ter preservado a cultura tradicional construída há muito tempo pelo caboclo amazonense. Com isso, ressaltamos que em comunidade amazonense;

[...] O mito, como produto de determinada estrutura social, tem diferentes funções, [...]. A que melhor o fundamenta, porém, é a ideológica, entendendo-se como tal a proposta de coesão da comunidade que o gerou, fenômeno observável na quase totalidade das narrativas. (KRÜGER, 2011, p. 35).

Assim sendo, o mito em comunidades rurais na região da Amazônia apresenta tanto a representação quanto a apropriação identitária e ideológica como agente de ligação entre as raízes tradicionais e o contexto atual, fazendo a manutenção da interlocução cultural mediante a tradição oral passada pelos mais velhos aos mais novos. Nesse contexto histórico social a imagem do narrador de histórias mitológicas em sociedade rural amazonense, precisa ser compreendida dentro do contexto social, com olhos atentos da sociedade que ouve e observa a enunciação de histórias míticas, cheias de magia e, que significa o conhecimento dos antepassados, sendo compartilhado, respeitado e apropriado para o povo. É de suma importância para a comunidade rural saber que alguém é conhecedor dos costumes e da palavra e, é capaz de reconhecer o passado, o presente e o futuro recorrendo ao que saber que pertence à todos.

Desse modo, Benchimol (2011), discorre que o fato do caboclo amazonense estreitar fortes relações com a natureza, revela a importância em relação a atenção dada,

porque é, exatamente, nesse ambiente que os problemas se tornam muito complexos e diferenciados no tempo e no espaço, pois trazem a tona a discussão sobre os aspectos culturais e, os valores éticos e sociais gerados pelos homens e pelas sociedades. A interlocução dialógica entre imagens míticas e sua reelaboração pelas vozes do narrador em contexto social cultural tradicional.

Em acordo com Benchimol, Salomão Khéde (1990, p.13) aponta que “o narrador é o doador de discurso. Ele é o dono da verdade uma e indivisível”. Dessa maneira, o narrador é uma figura confiável para a comunidade, ao narrar o mito se mostra competente ao exprimir sentido à vida coletiva, às expectativas, aos sonhos, aos anseios e aos temores da sociedade. Convém destacar que a memória é uma arma poderosa para o narrador, pois com ela é possível celebrar os ancestrais: guerreiros, curandeiros, reis. A narrativa mitológica é uma forma de superar a morte e sobreviver as dificuldades, é possível lembrar e contar histórias que são fundamentais para refutar e afirmar o desejo de vida e de continuidade, para Tzvetan Todorov (2006) “a narrativa é igual à vida; a ausência de narrativa, à morte”.

Resultados

A obra *Çaiçu Índé: o primeiro grande amor do mundo*, de Roní Wasiry Guará, publicada pela Editora Valer, 2011. Caracteriza-se por uma narrativa que recria uma situação primordial para a contação de histórias em contexto social amazonense: pessoas sentadas numa roda contando e ouvindo histórias que dizem respeito ao imaginário popular. A história contada por Roní estabelece uma comunicação profunda com leitor/ouvinte. Ela ao mesmo tempo que é um bate papo, é também, uma lição sobre a criação, o respeito à natureza e ao próximo.

Roní nos apresenta a criação do mundo e Rio Amazonas de forma lúdica e imagética para ressaltar a forte relação do homem amazonense com a natureza e com o outro. O narrador explicita ao leitor as crenças produzidas em contexto rural e em relação direta com fenômenos naturais: trovão, relâmpago, chuva. Dessa maneira, “a relação do homem da Amazônia, do caboclo, com os rios é uma relação diretamente sensível. Não é uma relação memorialista de histórias contadas num tempo passado. Suas histórias, mesmo envolvendo densa mitologia, são histórias presentificadas” (LOUREIRO, 2000, p. 251).

Nessa esteira, destacamos que o mito amazônico guarda a cultura na fisionomia de contador de histórias e na intimidade com os elementos da floresta. Com os mitos e as lendas amazônicas têm-se a memória viva do povo da floresta, do índio ancestral, das margens dos rios a pairar no tempo, num entrelaçamento de vozes discursivas. São essas vozes que ativam o discurso não grafado, que verbera na textura das frases pronunciadas, nos avessos intemporais da floresta.

É válido dizer que os mitos da cultura popular do Amazonas fazem parte da historicidade do caboclo amazonense, criada na tentativa de dizer o indizível por meio de fatos sobrenaturais que iam além do real e racional, mas que retratam situações cotidianas que misturam ficção, realidade, imaginário, drama, romance e graça, cujo espaço se concentra nos rios e florestas.

Conclusão

O presente trabalho destaca que em contexto histórico a literatura indígena nos mostra a construção e manutenção da cultura passada entre gerações, revelando que “não há pessoas sem vivências e essas são constituídas no dia a dia, na dialética necessária à existência. É nela que o caboclo constrói a sua identidade” (LOUREIRO, 2015, p. 17).

O mito é uma narrativa de composição simples e breve, que uma preocupação explicativa de dar sentido para as coisas, para os fenômenos que nos cercam. O mito indígena, escrito por Roní Guará, enfoca temas que tocam as raízes culturais de um povo, revelando de forma lúdica e mítica seus conhecimentos de mundo e seu modo de ver a realidade.

REFERÊNCIAS

- AMARÍLIS, Tupiassú. Amazônia, das travessias lusitanas à literatura de até agora. Revista Estudos Avançados 19 (53), 2005, p. 299-320.
- BENCHIMOL, S. Amazônia: a guerra na floresta. Manaus, Edua, 2011. 2ª. Edição revisada em comemoração ao prêmio Professor Samuel Benchimol.
- BRANDÃO, Helena N. Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica. São Paulo: Cortez, 2000.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: < 568 http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf>. Acesso em: 20.08. 2020.

BUSATTO, Cléo. *Contar e encantar: pequenos grandes segredos da narrativa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

CANDIDO, Antônio, *O direito à literatura*. IN: CÂNDIDO, Antônio, *Vários escritos*. 3ª ed. revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CANDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

CANDIDO, Antônio. *Vários Escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2013.

DUARTE, Newton. *A Pedagogia Histórico-Crítica e a Formação da Individualidade Para Si*. *Geminal: Marxismo e Educação em Debate*, Salvador, v. 5, n.º 2, p. 59-72, dez./2013.

JOUVE, Vincent. *Por que estudar literatura?* São Paulo: Parábola, 2012.

KRÜGER, Marcos Frederico. *Amazônia: mito e literatura*. Manaus: Editora Valer, 2011.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Obras Reunidas- Teatrais e ensaios*. São Paulo: Escrituras, 2005.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Cultura amazônica – Uma poética do imaginário*. Manaus: Editora Valer, 2015.

MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

MAINGUENEAU, Dominique. *Termos chave da análise do discurso*. Uberlândia: Editora UFMG. 2006.

SALOMÃO KHÉDE, Sônia. *Personagens da literatura infanto-juvenil*. São Paulo: Editora Ática, 1990.

SISTO, Celso. *Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias*. Belo Horizonte: Aletria, 2012.